

RUBEM BRAGA

A M O R

... De onde mais uma vez se vê que o lyrismo não é propriedade dos poetas e dos bohemios. Dona Feliciano Mergulhão de Carvalho, senhora de idade conspicua, esposa amantissima do sr. Mergulhão de Carvalho, honrado e forte commerciante na praça do Rio de Janeiro, acaba de fallecer. Dona Feliciano é uma dessas senhoras que não morre: fallece. Só morre gente pobre. Morre e é enterrada. Dona Feliciano falleceu e foi sepultada. Com enterro de primeira classe, corôas dos socios e empregados da firma, amigos, parentes e afilhados. Mas no meio de todas as pesadas corôas burguezas do pomposo sepultamento, no meio das pledosas exequias, das solemnes homenagens funebres, desabrochou, simples e alva como um lyrio, a flôr da poesia de dona Feliciano. Antes de expirar, antes de dar o seu complicado ultimo suspiro de senhora rica cercada de medicos, sacerdotes, lagrimas e visitas de roupa escura, dona Feliciano ditou a sua ultima vontade:

— Quero levar para o tumulo todas as cartas do Mergulhão...

O sr. Mergulhão foi nesta vida o unico amor de d. Feliciano. Mocinha, ella o amou como namorada; depois o amou como noiva; depois, como esposa. E jamais amou ninguem a não ser o sr. Mergulhão. E jamais deixou de amar o sr. Mergulhão. Esse longo amor exemplar, esse longo amor tão monotono, esse amor-padrão de Código Civil, dona Feliciano cultivou com todo o zelo da burocracia domestica. Não sei quantos annos durou esse amor. Talvez quinze, talvez trinta. Ai, dona Feliciano, talvez quarenta. Mas assim mesmo ella suspirou: para tão longo amor, tão curta vida — e levou as cartas de Mergulhão.

A esta hora o sr. Mergulhão deve estar chorando; mas dona Feliciano deve estar sorrindo. No fundo de seu tumulo pomposo, apesar de todas as corôas funebres e feias, dona Feliciano, sorri. Sobre uma almofada ali estão as cartas de seu amor. E' como si Mergulhão estivesse ali. Mergulhão rapazola, o tímido e fremente

rapaz chamado Mergulhão, dizendo suas palavras de namoro. Deitada, quieta, morta, mas sorrindo, dona Feliciano ouve as palavras de Mergulhão. E dona Feliciano está namorando. Dona Feliciano é uma jovem que sonha, dona Feliciano tem 16 annos, dona Feliciano está namorando. E as palavras de Mergulhão são tão doces e tão bobas que dona Feliciano sorri e adormece, num enlevo mance. Mergulhão, Mergulhão... Mentira sua, Mergulhão. Você tem outra namorada, Mergulhão. Mas vem outra carta: não, Feliciano, não, eu só amo você. E dona Feliciano sorri... E vem outra carta e mais outra, e a mocinha d. Feliciano é a moça dona Feliciano, e a moça d. Feliciano é noiva. Muitas, muitas e muitas cartas. Ah, noivado de dona Feliciano. E depois ha uma pausa nas cartas, oh, doce pausa. E esta agora é a primeira depois da lua de mel, quando Mergulhão teve de fazer aquella viagem. Dona Feliciano ouve e suspira; só vai voltar na semana que vem. Vem logo, Mergulhão, vem, Mergulhão. Agora uma carta: tres annos e meio de casado. Mergulhão fala de negocios. A carta é escripta no papel da firma. Mergulhão diz que a firma não sei o que tem — mas depois Mergulhão esquece a firma e fala só para dona Feliciano.

No fundo de seu tumulo, apesar de todas as corôas funebres e feias, dona Feliciano sorri. Chega á ultima carta. Coitado de Mergulhão, está tão triste, tão afflicto porque dona Feliciano está doente. Pede noticias, noticias urgentes. Vem logo, logo. Vem, Mergulhão, vem...

E sobre o corpo morto de dona Feliciano, Mergulhão continúa repetindo palavras de amor. De vez em quando dona Feliciano estremece levemente tem vontade de chorar: estão quasi brigando. Mergulhão não comprehende que... mas agora tudo está bem, chega outra carta, dona Feliciano sorri. Ah, Mergulhão, você, Mergulhão...

E no fundo do seu tumulo d. Feliciano é feliz mergulhada no amor de Mergulhão...